

# BRICs: um peso estratégico

**Marcelo Rech,**

Jornalista, editor do InfoRel, especialista em Relações Internacionais e Estratégias e Políticas de Defesa. Membro do Centro de Pesquisas Estratégicas “Paulino Soares de Sousa” da UFJF.

[infofel@infofel.org](mailto:infofel@infofel.org)

No dia 16, os presidentes do Brasil, Rússia e China e o primeiro-ministro da Índia, se reuniram na primeira cúpula dos BRICs.

Sobre o evento, criou-se grande expectativa. Os resultados, no entanto, não foram comemorados. Na cultura ocidental, a ausência de algo concreto é sinônimo de fracasso.

No caso específico dos BRICs, é preciso analisar o contexto estratégico da iniciativa. Brasil, Rússia, China e Índia têm divergências pontuais, mas os quatro reconhecem a importância da associação.

Dos BRICs pode sair um líder mundial. Dos quatro, novas regras para a economia global.

O acrônimo BRIC foi criado por Jim O’Neill, do banco Goldman Sachs, num relatório em 2001. Ele previu que os quatro teriam o maior PIB do mundo até 2050 quando deixaria as sete nações mais ricas do mundo para trás.

Em 2007, a mesma agência reviu a previsão e declarou que Brasil, Rússia, China e Índia podem se tornar os líderes mundiais num tempo ainda mais curto.

Os quatro já respondem por 65% do crescimento mundial, têm 40% da população do planeta, 28% do território do globo e cerca de 28% das suas riquezas.

Das 500 maiores empresas do mundo, 53 pertencem aos países dos BRICs.

Em termos práticos, a China superou a Alemanha no ano passado e já é a terceira maior economia do mundo. Deverá superar os Estados Unidos até

2040. A Rússia pode se tornar a maior economia da Europa em 2030; a Índia supera o Japão, em 2035.

Em 2008, o total das trocas comerciais do Brasil com os outros três países do bloco chegou aos US \$ 49 bilhões, quase 500% a mais que em 2003.

Com a crise econômica mundial, essas tendências foram intensificadas.

É importante ressaltar que praticamente ninguém previa que os quatro países teriam interesse em reunir os seus esforços.

Ponto para a diplomacia russa. Moscou tem sido e continua a ser o mais ativo organizador de reuniões dos BRICs.

Durante vários anos, os líderes de apenas três países (RIC), foram envolvidos neste processo até que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva manifestou o desejo de unir-se a eles.

Formular uma agenda quadripartida de conversações não foi fácil.

Logo ficou claro que os BRICs seriam um mecanismo essencialmente econômico disposto a buscar novas áreas de cooperação.

Os BRICs estão dispostos a trabalhar numa direção oposta à crise financeira global. A China está convencida que pode contribuir com até 70% do crescimento econômico mundial.

Lula defendeu um alinhamento entre os quatro que devem exercer uma maior pressão em relação àqueles que tradicionalmente comandam a economia do planeta.

Ele acredita que os BRICs desempenham um papel cada vez mais proeminente nos assuntos internacionais dispostos a assumir responsabilidades.

Os BRICs são uma realidade e podem sim impor uma nova ordem mundial onde o papel dos Estados Unidos seja paulatinamente reduzido.

Embora os Estados Unidos não aceitem perder hegemonia, têm perdido. Sua influência é cada vez menor e não apenas nas questões econômicas.

Brasil, Rússia, China e Índia acertam quando focam a reforma das instituições financeiras mundial como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial.

A partir daí, ganham fôlego e se credenciam para buscar alternativas às mudanças climáticas e quanto aos biocombustíveis.

O próximo passo será a discussão da segurança mundial onde os Estados Unidos acreditam ter o monopólio.

Não podemos esquecer que Rússia, China e Índia são potências nucleares e que Brasil e Índia concordam com mudanças substanciais no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU).

Focar o que converge em detrimento do que os separa é a receita essencial para o êxito de uma associação estratégica entre os quatro BRICs.

[www.defesa.ufjf.br](http://www.defesa.ufjf.br)

**Universidade Federal de Juiz de Fora**

